

TURISMO PEDAGÓGICO EM MUSEUS: O CASO DO MARSUL

BILROS v. 13, n. 27, ago – dez, 2025

Vitória Nicolini Nunes

Faculdades Integradas de Taquara; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Bolsista CAPES. Licenciada em História (FACCAT). E-mail: vitorianunes@sou.faccat.br

Daniel Luciano Gevehr

Faculdades Integradas de Taquara; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pós-doutor em História pela PUCRS, professor titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: danielgevehr@faccat.br

TURISMO PEDAGÓGICO EM MUSEUS: O CASO DO MARSUL

EDUCATIONAL TOURISM IN MUSEUMS: A CASE STUDY OF MARSUL

Vitória Nicolini Nunes
Daniel Luciano Gevehr

RESUMO

Este artigo relaciona a prática do turismo pedagógico em museus com o conceito de educação patrimonial. Tem-se como objetivo analisar de que modo as atividades de turismo pedagógico desenvolvidas no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul) contribuem para a promoção da educação patrimonial. Para tanto, é utilizado como objeto de estudo o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul), instituição museológica localizada em Taquara (RS), e que possui um acervo arqueológico com aproximadamente 1 milhão de peças. Desde sua reabertura, o Marsul tem recebido a visita de inúmeras instituições de ensino, o que o torna um atrativo turístico da modalidade conhecida como “turismo pedagógico”, vale dizer, cujo estudo é bastante recente no Brasil. Para a construção do referencial teórico, foram utilizadas fontes bibliográficas que abordam os conceitos “turismo pedagógico” e “educação patrimonial”, bem como a relação entre patrimônio e arqueologia. Constatou-se que a prática do turismo pedagógico em museus contribui para a educação patrimonial na medida em que proporciona alfabetização cultural e auxilia a formar cidadãos críticos e conscientes, bem como contribui para o desenvolvimento regional.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Pedagógico. Educação. Educação Patrimonial. Museus.

ABSTRACT

This article relates the practice of educational tourism in museums to the concept of heritage education. The objective is to analyze how educational tourism activities developed at the Archaeological Museum of Rio Grande do Sul (Marsul) contribute to the promotion of heritage education. To this end, the Archaeological Museum of Rio Grande do Sul (Marsul), a museum located in Taquara (RS), which has an archaeological collection of approximately 1 million pieces, is used as the object of study. Since its reopening, Marsul has been visited by numerous educational institutions, making it a tourist attraction of the type known as “educational tourism,” which is a relatively recent field of study in Brazil. To construct the theoretical framework, bibliographic sources addressing the concepts of “educational tourism” and “heritage education” were used, as well as the relationship between heritage and archaeology. It was found that the practice of educational tourism in museums contributes to heritage education in that it provides cultural literacy and helps to form critical and conscious citizens, as well as contributing to regional development.

KEY WORDS: Educational Tourism. Education. Heritage Education. Museums.

INTRODUÇÃO

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), turismo pode ser compreendido como as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros e é um fenômeno que engloba dimensões de cunho social, cultural e econômico (OMT, 2001). Partindo disso, a própria OMT classifica os diversos tipos de turismo existentes levando em consideração a finalidade do turista, como o turismo de aventura, de negócios, rural, cultural, religioso e etc.

Mais recentemente tem-se discutido sobre uma nova modalidade de turismo, o turismo pedagógico. Muitos teóricos da área do turismo têm-se empenhado na tentativa de conceituar o termo “turismo pedagógico”, visto que ele se trata de um campo de estudo muito recente. Em tese, o turismo pedagógico é denominado por uma série de outras expressões, tais como: Turismo Educativo, Turismo Educacional, Turismo Estudantil, Estudo do Meio, entre outras, que são modalidades propulsoras do turismo pedagógico (Nascimento, 2017).

A definição de turismo pedagógico conta com elementos comuns à conceituação do turismo, não importando a motivação. São eles: o deslocamento para fora do entorno habitual; o caráter temporário da atividade; o sujeito – turista; e o objeto do turismo – destino / local a ser visitado (Rubim, 2010). Mas e no que ele se diferencia do turismo “tradicional”? O turismo pedagógico é uma forma de proporcionar ao aluno uma participação ativa no processo de construção do conhecimento, pois dispensa meios para que ele possa tornar-se um cidadão criativo, dinâmico e interessado em atuar, de forma efetiva, na comunidade (Nascimento, 2017).

Apesar de ser um segmento recente no Brasil e também considerado uma prática inovadora, o turismo pedagógico vem sendo adotado por diversas instituições de ensino, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Mesmo recente, quando comparado a outros tipos tradicionais de turismo, pode-se afirmar que o turismo pedagógico antecede o turismo de lazer. As primeiras evidências da realização de viagens de cunho educacional remetem à Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, quando jovens aristocratas britânicos, a fim de aperfeiçoarem seus estudos para ingressarem em uma carreira na política, no governo ou no serviço diplomático, realizavam uma grande viagem pelo continente europeu, com média de

duração de três anos, que na ocasião era intitulada “*grand tour*” (Gomes; Mota; Perinotto, 2012).

O turismo pedagógico constitui-se, assim, na retomada da antiga prática amplamente utilizada na Europa e principalmente nos Estados Unidos por colégios e universidades particulares, e também adotada no Brasil por algumas escolas de elite, que consistia na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programas de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes (Gomes; Mota; Perinotto, 2012).

O turismo pedagógico consiste, portanto, em um instrumento de fomento à educação patrimonial, visto que uma das estratégias utilizadas para a valorização dos patrimônios histórico-culturais abrange a sua articulação com as práticas pedagógicas no sentido de possibilitar a sua apropriação pelos membros de uma determinada comunidade. Dentre elas podemos citar as aulas-passeio e mais recentemente o turismo pedagógico, segmento da atividade turística que associa turismo e educação como instrumento de alfabetização cultural e de valorização dos elementos da cultura material e imaterial (Cutrim *et al.*, 2019).

Os museus sempre tiveram uma estreita relação com o turismo, pois são considerados importantes atrativos culturais. Além disso, os museus constituem-se, conforme dito acima, em uma ferramenta de desenvolvimento da educação patrimonial. Nessa conjuntura, o aprofundamento dos estudos relacionando turismo e museus tem se revelado importante para se compreender como os museus têm assumido um papel de destaque no segmento turístico (Bauer; Sohn; Oliveira, 2019).

Diante disso, este trabalho tem o objetivo de apresentar o conceito de “turismo pedagógico” e realizar uma discussão sobre a realização dessa modalidade turística em museus, relacionando turismo, educação patrimonial e desenvolvimento regional em uma pesquisa bibliográfica. Será analisada especificamente a realização do turismo pedagógico no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul), reaberto em dezembro de 2024 após ficar fechado por 16 anos, em virtude do descaso do próprio Estado com a manutenção da instituição.

O artigo está organizado da seguinte forma: a segunda seção apresenta o conceito de “turismo pedagógico”; a terceira seção relaciona o turismo pedagógico com a educação patrimonial, a seção seguinte apresenta o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul e analisa os dados obtidos através das visitas realizadas por instituições de ensino desde sua reabertura; e a última seção conclui o estudo.

TURISMO E EDUCAÇÃO: O TURISMO PEDAGÓGICO

O principal elo entre turismo e educação está relacionado à troca de conhecimentos e socialização entre as pessoas. Reconhecer a necessidade de novas práticas pedagógicas é fundamental no processo de aprendizagem e para a construção de um sujeito social crítico, reflexivo e participativo, capaz de atuar integralmente na sociedade. O turismo pedagógico se coloca como uma alternativa importante, capaz de contribuir com as escolas proporcionando uma interação entre o sujeito e o meio através das experiências de viagem, visitas e aulas passeio (Morais; Andrade; Guedes, 2020).

O turismo e a educação são fenômenos essencialmente sociais e possuem forte caráter dinâmico, sempre tentando refletir as demandas da sociedade. A afinidade entre as duas áreas propicia a prática do turismo pedagógico como atividade que alia o ensino formal e o não formal; a aprendizagem e a curiosidade em conhecer lugares, culturas e histórias diferentes do cotidiano do aluno em sala de aula, visto que seu principal objetivo é o conhecimento (Rubim, 2010).

Distanciando-se das concepções de turismo que preveem deslocamentos e viagens com tempos mínimos delimitados, o turismo pedagógico se dá em períodos que podem ser inferiores a vinte e quatro horas e espaços que podem fazer parte do cotidiano dos praticantes, não oferecendo, a princípio, novidades a estes. Esta prática se dá, normalmente em curtos intervalos de tempo, condições que não a impossibilita de ser caracterizada como atividade turística (Nascimento; Pereira, 2019).

No âmbito de uma aprendizagem mais formal, a prática do turismo pedagógico pode auxiliar no aprendizado no que diz respeito a contemplar os quatro pilares da educação contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Essas premissas podem ser alcançadas na medida em que esta atividade estimula o desenvolvimento da capacidade de organização, iniciativa, participação, observação e respeito, entre outros comportamentos (Rubim, 2010).

O turismo pedagógico como ação educativa carrega diversas estratégias que podem ser percorridas no processo de ensino e aprendizagem. Para o professor, pode significar imprimir em sua prática docente um novo frescor, uma renovação de ações. Para o aluno, ter a oportunidade de vivenciar os conhecimentos escolares de forma prazerosa. No entanto, certas

escolas ainda não conhecem a função do turismo pedagógico como uma metodologia diferenciada para o ensino, pois, muitas vezes, os passeios culturais e sociais são programados sem planejamento. Para que tal atividade se desenvolva com qualidade, contribuindo significativamente ao conhecimento dos alunos, é indispensável um currículo integrado, realizando uma prática pedagógica dinâmica e integrando os conhecimentos científicos com as questões cotidianas (Nascimento, 2017).

O turismo pedagógico, portanto, é um segmento que vem adquirindo cada vez mais espaço, como forma de proporcionar uma experiência turística e educativa ao público para o qual é destinado, essencialmente, o infanto-juvenil. Experiências essas caracterizadas a partir dos deslocamentos e dos momentos de lazer realizados nas visitas e pela capacidade de vivenciar a teoria na prática e desenvolver um novo olhar sobre assuntos aprendidos em sala de aula (Rubim, 2010).

Essa modalidade de turismo corrobora com a busca de caminhos para promoção de uma ação educativa cidadã realmente comprometida com a garantia da boa educação e da validação do direito da cidadania social e política. Esta contribui na prática com as escolas, proporcionando uma interação entre o sujeito e o meio, através da vivência e a valorização do patrimônio material e imaterial (Morais; Andrade; Guedes, 2020).

Ainda, o turismo tem papel educativo, tendo em vista que se converte em atividade cultural e educativa, entusiasma a participação do aluno, propicia a educação, é tema globalizante de inúmeras disciplinas, entre outros aspectos altamente positivos. Na visão da Organização Mundial do Turismo (OMT), todo tipo de turismo pode ser considerado educativo, uma vez que o visitante aprende sobre a cultura, a sociedade e outros aspectos do destino (Rubim, 2010).

Para o Sebrae, o turismo pedagógico é um segmento de mercado promissor. Se para os estudantes é uma oportunidade muito rica, essa modalidade turística pode ser uma mina de ouro para prestadores de serviços. Ainda pouco explorado no Brasil, oferece um potencial interminável para empresários que entendam quais são as adaptações a fazer no atendimento habitual (Sebrae, 2023).

Nesse sentido, as possibilidades de aparecimento de atrações turísticas são, praticamente, inesgotáveis, dependendo, em grande parte, da criatividade dos planejadores e das comunidades locais. Parece, portanto, inquestionável que o turismo possa assumir papel importante na geração dos efeitos iniciais para o desenvolvimento regional (Ablas, 1991).

Quanto ao conhecimento adquirido durante a realização de viagens e excursões de cunho pedagógico é preciso cuidar para que este não seja momentâneo, no sentido de que essa experiência não sirva apenas como avaliação de aprendizagem para o aluno, mas que ele possa levá-la para a sua realidade servindo, entre outras finalidades, para conscientização em relação à importância do patrimônio, além de estímulo para a prática posterior da atividade de turismo cultural (Rubim, 2010).

Por fim, o turismo pedagógico é um instrumento de alfabetização cultural, e por meio dele, podemos buscar informações para entender o nosso meio e contemplar a memória histórica de uma determinada cidade, remetendo o aluno a não ser um mero espectador, mas ser um cidadão que conhece, representa e defende a história dos seus antepassados.

Entende-se que as reflexões e estratégias desenvolvidas nessa área podem revelar potencialidades dessa atividade no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, através da socialização do turismo histórico-cultural com o cotidiano local. Essas estratégias buscam estimular nos alunos um sentimento de valorização e conservação do patrimônio histórico-cultural, tornando um cidadão mais participativo e responsável com o meio em que o mesmo está inserido (Nascimento, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

TURISMO PEDAGÓGICO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O viés da educação no qual melhor se adéqua a questão do turismo pedagógico é a educação patrimonial (Nascimento; Pereira, 2019). O patrimônio pode ser compreendido como a objetivação da produção histórico-social da humanidade, e, portanto, necessita ser socializada, o que é o objetivo da educação patrimonial. A socialização e a apropriação do patrimônio integram a formação genérica do ser humano, e o alijamento dos homens em relação ao patrimônio é indício de um processo desumanizador (Melo; Cardozo, 2015).

As discussões a respeito da educação patrimonial surgiram em nosso país no ano de 1983, durante a realização de um seminário organizado no Museu Imperial de Petrópolis por Maria de Lourdes Parreiras Horta, cujo objetivo era discutir a importância da preservação de monumentos e objetos culturais para a nossa história, além de buscar definir linhas de ação educacional em instituições museológicas (Vasconcellos, 2019).

Se, por um lado, o turismo é uma área em desenvolvimento, que busca preencher necessidades de conhecimento científico e cultural para diferentes níveis de consumidor, por outro, o patrimônio cultural é uma fonte preciosa para a continuidade e a diversificação da oferta turística. O turismo e o patrimônio cultural podem e devem estabelecer uma relação de sustentabilidade e de benefícios mútuos (Castro, 2007).

A atividade turística, aliada à educação patrimonial, também pode contribuir para o processo de sensibilização patrimonial e para a formação de sujeitos críticos e conscientes do seu papel na preservação e valorização dos seus bens culturais. As aulas passeio, enquanto recurso didático e pedagógico associado às atividades de turismo pedagógico nos *lugares de memória* (Nora, 1993), são entendidas como ferramentas de problematização dos conteúdos históricos trabalhados em sala de aula, ao mesmo tempo em que ressignificam o olhar dos moradores – jovens e idosos – sobre a cidade e seu patrimônio (Cutrim *et al.*, 2019).

A educação patrimonial como mediadora da atividade turística, ao promover o contato, a socialização e a apropriação do patrimônio pelos turistas, contribui nesta tarefa da produção do ser humano genérico, ou seja, constitui uma forma de realização do trabalho educativo. Para isso é necessário planejar a atividade turística com o patrimônio na intencionalidade de produzir esta socialização e apropriação, assim como é necessário o planejamento de um projeto de educação patrimonial (Melo; Cardozo, 2015).

A educação patrimonial por meio do turismo pedagógico pode ser um instrumento a mais no processo de ensino e aprendizagem, de forma a torná-lo mais amplo e dinâmico, e também por sua contribuição para o processo de sensibilização de uma população residente sobre a importância da preservação do seu patrimônio local, e conseqüentemente para a construção de uma postura consciente e ativa no desenvolvimento de sua cidadania, visto a representatividade do patrimônio no fortalecimento de sua cultura e de sua própria identidade (Gomes; Mota; Perinotto, 2012). Ainda, a mediação educativa do uso público do patrimônio torna-se uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento de políticas de turismo nas cidades, ampliando a atratividade e gerando experiências turísticas culturais enriquecedoras (Melo; Cardozo, 2015).

Turismo e educação patrimonial estabelecem, portanto, um diálogo contínuo e promovem uma experiência enriquecedora quando nos roteiros planejados estão inseridos os lugares de referência da comunidade, seus lugares de pertencimento e de identidade. A aproximação com os lugares de memória – na acepção proposta por Pierre Nora (1993) – por

meio do tour pedagógico possibilita apreender o território por um ângulo diferenciado: o das memórias dos moradores, suas reminiscências e suas experiências de vida. Possibilita, ainda, compreender o patrimônio cultural na medida em que se busca um conhecimento da história do território a partir dos seus construtores (Cutrim *et al.*, 2019).

Assim, dentro das possibilidades oferecidas pelo turismo pedagógico em visitar locais que aproximam a teoria das salas de aula com a prática das atividades extraclasse, os museus apresentam-se como opção, pois estes criam ambientes onde a aprendizagem acontece por meio de um processo cooperativo de trocas em que o público infanto-juvenil podem vivenciar sua cultura e sua história por meio de um entrecruzamento de tempo e espaço (Rubim, 2010).

Os museus têm a capacidade de oferecer experiências, ideias e satisfações que não se encontram em outros lugares. Nesse sentido, essas instituições deixaram de ser apenas espaços para a exposição de objetos, passando a lugares de entretenimento e aprendizagem. De locais cada vez menos contemplativos, os museus se tornaram ambientes participativos e atraem um número maior de visitantes (Bauer; Sohn; Oliveira, 2019).

O potencial das ações educativas realizadas nos museus como forma de estimular o desenvolvimento ou revigoramento da consciência das pessoas sobre o legado histórico é bastante conhecido, fato que coloca os museus cada vez mais como espaços fundamentais na articulação entre teoria e prática (Rubim, 2010).

Porém, pode-se dizer que a implantação de abordagens educativas em museus é recente, pois sua ocorrência se deu devido ao fato destes espaços perceberem a frequência de um público menos elitizado, constituído pela população em geral, a qual está cada vez mais acessando àqueles espaços culturais. O crescimento desta prática de turismo fez com que os museus começassem a criar espaços educativos e programas educacionais para que o novo público, considerado “leigo”, pudesse, por meio da visita mediada, ter uma melhor compreensão do acervo dessas instituições (Nascimento; Pereira, 2019).

Ainda, a exaltação de projetos pedagógicos em museus, principalmente nas visitas escolares, fez com que os serviços educativos fossem de alguma forma valorizados, o que trouxe à tona propostas educacionais e atividades pedagógicas antes incipientes. Entretanto, dificilmente encontra-se nos museus uma equipe composta por profissionais especializados na área de atuação específica da instituição e educadores com formação pedagógica necessária para atender ao público escolar (Nascimento; Pereira, 2019).

Ademais, é importante apontar que uma discussão sobre concepções de cultura educativa em museus não chega à atualidade de forma homogênea nas instituições formadoras de professores, sendo assim necessário que o tópico seja, ainda que de forma ampla, enfrentado. Além de um discurso crítico e pedagógico sobre a realidade dos museus, valeria registrar algumas etapas necessárias para se alcançar uma aproximação entre o público e os acervos dos museus.

Mais precisamente, para colocar em prática essa intenção, não bastaria apresentar as obras e deixá-las disponíveis para visitação. Por certo, seriam necessárias ou recomendáveis iniciativas como: a) as boas-vindas ao público por pessoal especializado; b) uma sinaliza o adequada sobre trajeto a ser percorrido na visita o; c) mediadores com conhecimento acerca do que está sendo exposto. Esses fatores poderiam garantir um ambiente favorável a uma boa experiência educativa (Setton; Oliveira, 2017).

A rela o atividade turística educativa e patrimônio, portanto, demanda um trabalho interdisciplinar e abrangência de formas e conteúdos, que atinjam uma explora o racional, eficiente e, ao mesmo tempo, que valorize o potencial do patrimônio, sem que isso signifique dilapida o. A forma o continuada de educadores para este trabalho também   de fundamental importância, haja vista tratar-se de formar mediadores entre o conteúdo inerente ao patrimônio e os turistas, que no caso se colocam momentaneamente no papel de educandos do processo de educa o patrimonial (Melo; Cardozo, 2015).

Apesar disso, o turismo pedagógico s  terá maior relevância quando for entendido como um processo de educa o patrimonial, pois tal atividade turística não apenas voltada para o lazer e sim atrelada   proposta do estudo do patrimônio local torna facilitada a aprendizagem teórica através da experiência vivida (Gomes; Mota; Perinotto, 2012).

Escola e museu precisam estar abertos a parcerias e   comunidade, criando meios para intera o e de contínua comunica o, unidas em prol de objetivos comuns como os de promover interpreta es do patrimônio; produ o de conhecimento e desenvolvimento do pensamento crítico e de no es de cidadania. O diálogo propiciado pela parceria museu-escola faz com que os projetos educacionais sejam desenvolvidos de acordo com o público-alvo (Rubim, 2010).

Isto posto, a a o educativa dos museus coloca-se como uma op o para minimizar o conflito de interesses e preencher determinadas lacunas. O que se deseja na aproxima o das ideias e de conceitos   que a a o museológica e a prática educativa em museus sustentam o papel social do museu como um território que possibilite atua o de uma museografia

estimuladora, levando em conta que o turismo, e em especial o turismo sob o viés pedagógico, pode trazer aquisições socioculturais significativas (Castro, 2007).

TURISMO PEDAGÓGICO EM MUSEUS: O CASO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL

O turismo enquanto atividade social gera produção de bens e serviços que visam à satisfação de turistas que desejam conhecer lugares diferentes, buscando redescobrir e fortalecer a identidade cultural, bem como dar um novo significado ao seu patrimônio. Entre as formas de se observar e interpretar o patrimônio cultural, estão os estudos arqueológicos. A arqueologia reúne tradicionalmente sob o termo “cultura material” toda a matéria trabalhada pelos seres humanos em tempos passados, visto que o envolvimento do ser humano no cotidiano com o mundo material que o rodeia não se constitui em uma relação inerte (Almeida; Ferreira, 2017).

Nesse sentido, a arqueologia é uma atividade que desperta muito interesse e o patrimônio arqueológico exerce grande atração junto ao público. Essa atração, quando bem conduzida pela educação, pode gerar processos participativos e inclusivos. Assim, estabeleceu-se uma relação de dupla via. Os arqueólogos devem olhar a educação como uma forte aliada e os educadores, por sua vez, encontram na arqueologia um campo de pesquisa incomensurável na missão de transformar a todos em defensores desse patrimônio, pois afinal, a todos pertence (Vasconcellos, 2019).

Embora recente, no Brasil, o diálogo entre turismo e arqueologia vem permitindo a valorização do patrimônio arqueológico em projetos que buscam conservar e proteger seus bens através de adoção de mecanismos de controle e monitoramento, além de auferir recursos, em uma perspectiva sustentável, de conservação de bens arqueológicos com fins turísticos, fortalecendo o segmento do turismo arqueológico (Almeida; Ferreira, 2017).

Dito isso, passamos à apresentação do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul), objeto de estudo deste trabalho. Criado através do Decreto Estadual nº 18 009/66, de 12 de agosto de 1966, o Marsul foi idealizado e fundado pelo professor Eurico Theófilo Miller, que se dedicava a pesquisas arqueológicas de forma autônoma desde a década de 1950 (SEDAC, 2025).

Fundado para que o professor da rede estadual, Eurico Theófilo Miller, pudesse se dedicar em tempo integral à atividade arqueológica, o Marsul funcionou primeiramente na casa

de seu fundador e em edificações particulares cedidas. Miller participava do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA, desde 1965, cujos métodos e práticas foram determinantes para a formação do seu volumoso acervo (Soares, 2020).

A partir de 1973, teve início a construção da sede própria em uma área de 5,6 hectares doados pelo município de Taquara (RS), com três edificações construídas com recursos próprios do Governo do Estado, que somam, cerca de, 2 mil m² de área, oficialmente inauguradas em 1977, tornando-se um dos poucos museus no Brasil a ter sua sede especialmente construída para atividades museológicas e o maior do país em área construída da sua tipologia (SEDAC, 2025).

Até o ano de 1980, o Marsul, dirigido por Miller, reuniu a maior parte do expressivo acervo que salvaguarda atualmente, incluindo materiais escavados e reunidos pelo professor desde, pelo menos, 1961. A fundação e construção de sua enorme sede, ocorreram num contexto político, quando o Estado brasileiro, apesar do dirigismo cultural e forte repressão ditatorial, verificava uma ampliação estatal em atividades culturais. Entre as décadas de 1980 e 2000, o museu produziu pesquisas importantes como o Projeto Arqueológico de Santo Antônio da Patrulha, sob a coordenação técnica do arqueólogo André Jacobus. Entretanto suas atividades foram mais focadas em exposições, ações educativas e em lazer oferecidos à comunidade por meio de suas estruturas. Houve, nesse período, uma enorme aproximação da instituição com a comunidade (Soares, 2020).

Seu vasto e diversificado acervo é composto majoritariamente por coleções oriundas de pesquisas em sítios pré-coloniais, com datações de até 12 mil anos atrás. São artefatos de grupos caçadores-coletores ancestrais dos minuanos e charruas, de pescadores-coletores do litoral construtores dos sambaquis, de horticultores do planalto ancestrais dos Kaingang e de grupos agricultores das planícies, ancestrais dos atuais guaranis, dentre outros vestígios arqueológicos de grupos pré-coloniais da América do Sul (Marsul, 2025).

A partir do ano de 2008, o Marsul teve as atividades arqueológicas e visitação pública interditadas por falta de condições de conservação dos prédios e falta de pessoal qualificado em seus quadros, após o afastamento do arqueólogo André Jacobus por motivos de saúde. Durante este período de interdição, que durou até 2019, a instituição teve sua gestão cedida ao Município de Taquara, entre 2009 e 2014, cujos resultados agravaram ainda mais o estado de conservação, colocando em risco os acervos. Durante este período, o Governo do Estado designou o

arqueólogo Jefferson Dias para que realizasse trabalhos voltados à organização, salvaguarda e levantamentos catalográficos dos acervos (Soares, 2020).

A partir de setembro de 2015, o Marsul recuperou a posse integral de seu prédio principal, até então ocupado parcialmente pela municipalidade, o que possibilitou o início de uma recuperação institucional, a partir de ações em basicamente três frentes: gestão de acervos, comunicação de conhecimentos e apropriação comunitária (Soares, 2020).

Após a pandemia de covid-19 e um longo período de obras, o Marsul foi reinaugurado no dia 06 de dezembro de 2024. A reabertura marcou a conclusão da primeira fase de um amplo projeto de requalificação do museu, incluindo melhorias estruturais e modernização dos espaços. O Marsul reabriu com a exposição “História Pré-Colonial do Rio Grande do Sul - O passado através das coisas”, na qual apresenta peças inéditas de seu extenso acervo (SEDAC, 2025).

Desde então, o Marsul, que recebe os visitantes gratuitamente, passou a receber a visita de diversas escolas de municípios vizinhos de Taquara. Desde a reabertura, em dezembro de 2024, até julho de 2025, o Marsul recebeu a visita de aproximadamente 50 escolas, entre instituições de ensino públicas e privadas. Nesse período, foram atendidas turmas dos níveis fundamental, médio, técnico e ensino superior, além da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), em uma média de 320 visitantes por mês (Marsul, 2025).

Durante a visita, com duração de aproximadamente 45 minutos, os alunos são guiados pela galeria do museu e observam a exposição “História pré-colonial do Rio Grande do Sul: o passado através das coisas”, na qual observam objetos, vestígios arqueológicos, mapas, fotos, desenhos e textos. Paralelamente, os mediadores do museu explicam os detalhes da exposição, bem como sobre como são realizadas as pesquisas e escavações arqueológicas e a contribuição da arqueologia na reconstrução da história de nossos povos originários.

Importante ressaltar que o museu atende grupos de, no máximo, 30 participantes, o que garante uma experiência de reflexão pessoal mais profunda e particular. Após a exposição, os grupos são conduzidos a um auditório, onde é exibido um documentário de aproximadamente 15 minutos que apresenta e explica termos importantes da arqueologia no Brasil. A totalidade da visita leva em torno de uma hora de duração. Além disso, o museu disponibiliza sua ampla área externa para a realização de piqueniques e lanches coletivos.

Nota-se, diante do exposto, que o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul constitui-se, desde sua reabertura, em um importante ambiente para realização do turismo

pedagógico. Tendo em vista que a maior parte de seu público é formado, atualmente, por instituições de ensino e sua visita guiada possui um viés pedagógico, o Marsul contribui significativamente para a valorização do patrimônio não apenas arqueológico, mas cultural como um todo. Nesse sentido, o turismo contribui para que o patrimônio cultural assuma maior importância enquanto fator de desenvolvimento local e regional (Castro, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi apresentado, atualmente, reconhece-se a importância da preservação do patrimônio arqueológico no sentido de que este possa ser legado e garantido para as novas gerações como um direito fundamental na construção da cidadania, pois contribui para o alargamento de noções como memória, identidade e pertencimento.

Ainda, as reflexões a respeito da educação patrimonial permitem afirmar que no caso da arqueologia, as práticas desse campo de atuação vêm se afirmando por meio de diferentes estratégias, recursos e propostas de ação, e ampliam as possibilidades de estabelecer experiências realmente inovadoras no campo da preservação patrimonial, na perspectiva da inclusão daqueles que sempre estiveram alheios em relação aos resultados e à produção do conhecimento nessa área (Vasconcellos, 2019).

Reconhecer no turismo possibilidades para desenvolvimento local apresenta ao turista alternativas de conhecer outras culturas, promover a aproximação e a paz entre os povos e criar uma consciência respeitosa sobre a diversidade dos modos de vida. O que aproxima o diálogo com a arqueologia. Através das práticas educativas e de inserção do público nos processos de pesquisa, é incentivada a construção conjunta do conhecimento e a preservação dos artefatos e sítios arqueológicos (Almeida; Ferreira, 2017).

Dessa forma, o turismo pedagógico apresenta-se como um aliado à educação formal, pois ele tanto pode oferecer educação específica em história, geografia, artes, idiomas ou preservação ambiental, quanto difundir o respeito ao patrimônio de uso comum e desenvolver as posturas que envolvem a preservação desse legado, como também, ensinar aos estudantes como se comportar em lugares de uso coletivo, promovendo nesse caso, noções de educação para o turismo (Rubim, 2010).

Nesse cenário, a mediação realizada durante a visita museológica é uma das metodologias educacionais que proporciona ao educando vivenciar o conhecimento através do

turismo, pois tal prática faz com que o aluno possa associar a aprendizagem ao seu cotidiano, traçando ligações entre saberes que surgem durante a visita e suas experiências pessoais (Nascimento; Pereira, 2017).

Levando em conta que o turismo pedagógico é um segmento que se direciona em produzir conhecimento de forma mais ampla, pautado pela vivência prática, enriquecendo e complementando o trabalho da escola em relação ao aprendizado por parte do estudante, na condição de turista (Rubim, 2010), conclui-se que o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul é um excelente exemplo de instituição museológica voltada à essa modalidade turística, ainda que possa aprimorar alguns aspectos. O ambiente do Marsul constitui-se em um local no qual são realizadas ações educacionais voltadas à educação arqueológica, patrimonial e cidadã, na medida em que amplia o repertório cultural dos estudantes e põe em prática os conhecimentos adquiridos de forma teórica em sala de aula.

No caso do Marsul, observa-se que o turismo pedagógico encontra terreno fértil para se desenvolver, mesmo que com alguns desafios. Desde a reabertura, em dezembro de 2024, até julho de 2025, aproximadamente cinquenta instituições de ensino já visitaram o museu, abrangendo diferentes níveis escolares e consolidando-o como um espaço de referência para atividades educativas.

As visitas guiadas, limitadas a grupos de até trinta participantes, incluem mediação especializada, exposição comentada, exibição de documentário e momentos de convivência, elementos que reforçam a função pedagógica do espaço e aproximam a teoria aprendida em sala de aula da prática cultural e patrimonial. Esses dados demonstram que o MARSUL efetivamente se constitui em um exemplo de turismo pedagógico, pois amplia o repertório cultural dos estudantes e promove a valorização do patrimônio arqueológico e histórico.

Contudo, nota-se também a necessidade de maior aprofundamento nas ações educativas, como a formação de equipes com preparo pedagógico específico e a criação de projetos integrados com as escolas, que possam prolongar e sistematizar a experiência para além do momento da visita. Assim, o Marsul comprova o potencial do turismo pedagógico em museus, ao mesmo tempo em que evidencia os limites estruturais e metodológicos que ainda precisam ser superados para a consolidação dessa prática.

Acredita-se, portanto, que tanto a educação patrimonial quanto o turismo pedagógico contribuem para a formação de um adulto participativo e mais consciente do seu momento histórico. A necessidade do desenvolvimento da educação patrimonial na escola liga-se à

formação de cidadania com qualidade, preocupada com o fortalecimento da identidade cultural e desenvolvida de forma criativa, sendo positiva sua inserção entre as atividades extracurriculares (Gomes; Mota; Perinotto, 2012).

Para finalizar, é reforçada a importância do turismo enquanto promotor do desenvolvimento regional. A atividade turística possui um claro potencial para a promoção do desenvolvimento regional, principalmente ao se considerar que os efeitos positivos sobre a estrutura regional ocorrem através da criação de um ambiente propício à implantação de outros tipos de atividades (Ablas, 1991).

O desenvolvimento ocorre como aumento das liberdades humanas. Assim, o turismo pode beneficiar a população ao promover medidas que melhorem a qualidade de vida, não apenas em termos de renda, mas também em aspectos como educação, acesso aos serviços de saúde, criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento que considera tanto elementos qualitativos quanto quantitativos (Rodrigues; Azevedo, 2024).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABLAS, Luiz Augusto de Queiroz. Efeitos do turismo no desenvolvimento regional. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, Brasil, v. 2, n. 1, p. 42–52, 1991.

ALMEIDA, Laura; FERREIRA, Ton. Turismo e arqueologia: Um diálogo possível? **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2017.

BAUER, Jonei Eger; SOHN, Ana Paula Lisboa; OLIVEIRA, Bruno Santucci de. Turismo cultural: um estudo sobre museus e internet. **Rev. Tur., Visão e Ação**. Balneário Camboriú: 2019.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Museu e turismo: uma relação delicada. **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**. Salvador, 2007.

CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes; CARVALHO, Conceição de Maria Belfort de; SANTOS, Dorilene Sousa; COSTA, Felipe Pereira. Turismo Pedagógico a apropriação dos lugares de memória em São Luís (MA). **Revista Turismo & Cidades**, v. 1, n. 2, p. 83–98, 2020.

GOMES, Daiana Silva; MOTA, Karol Monteiro; PERINOTTO, André Riani Costa. Turismo pedagógico como referência de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 5, n. 1, 2012.

MARSUL - **Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://marsul.rs.gov.br/>. Acesso em: 12 set. 2025.

MARSUL - **Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul**. Livro de presença. Taquara, 2025. Documento interno. Não publicado.

MELO, Alessandro. CARDOZO, Poliana Fabiula. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educação & Sociedade**, v. 36, n. 133, p. 1059-1075, 2015.

MORAIS, Rosiane de; ANDRADE, Luciana Paes de; GUEDES, Neiva Maria Robaldo. Turismo Pedagógico: ressignificando a aprendizagem. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 13, n. 1, p. 88-99, 2020.

NASCIMENTO, Érica Nayara Santana do. **Turismo pedagógico como prática educativa: reflexões a partir do centro histórico de Cáceres/MT**. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, v. 10, nº 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 01 set. 2025.

OMT - Organização Mundial de Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PEREIRA, Joyce Kimarce do Carmo; NASCIMENTO, Ismael da Costa. Turismo pedagógico: um olhar acerca da formação do sujeito crítico por meio da prática de mediação museológica. **RITUR - Revista Iberoamericana De Turismo**, 2019.

RODRIGUES, Suzana de Mendonça; AZEVEDO, Francisco Fransualdo. O papel do turismo no Desenvolvimento Regional: Um estudo de caso da Chapada Norte, Bahia. **Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, Brasília, v. 12, n. 1, 2024.

RUBIM, Ana Carolina Barroso. **A prática do turismo pedagógico no contexto dos museus: a experiência de museus das cidades do Rio de Janeiro e Niterói**. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Turismo). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Turismo pedagógico é segmento de mercado promissor**. Sebrae, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/onNN>. Acesso em: 12 set. 2025.

SEDAC - Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul. **Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/marsul>. Acesso em: 12 set. 2025.

SEDAC - Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul. **Marsul reabre para novo capítulo da arqueologia gaúcha**. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/marsul-reabre-para-novo-capitulo-da-arqueologia-gaucha>. Acesso em: 12 set. 2025.

SETTON, Maria da Graça Jacintho; OLIVEIRA, Mirtes Marins de. Os museus como espaços educativos. **Educação em Revista**, n. 33, p. 1-23, 2017.

SOARES, Antonio Carlos. Marsul: um museu em quarentena. **Tessituras - Revista de Antropologia e Arqueologia**. v. 8. n. 1. Pelotas, 2020.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Arqueologia e educação patrimonial: a experiência do MAE-USP. **Revista CPC**, n. 27. São Paulo, 2019.

Artigo recebido em agosto de 20xx. Aprovado em outubro de 20xx.